

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
JEAN-LUC GODARD, PARA SEMPRE
23 de Janeiro de 2023

ALLEMAGNE NEUF ZÉRO / 1991

um filme de Jean-Luc Godard

Realização, Argumento e Montagem: Jean-Luc Godard / Direção de Fotografia: Christophe Pollock / Direção Artística: Romain Goupil e Hanns Zischler / Música: Bryars, Scelsi, Liszt, Mozart, Bach, Stravinsky, Hindemith, Beethoven, Chostakovitch / Som: Pierre-Alain Besse e François Musy / Interpretação: Eddie Constantine (Lemmy Caution), Hanns Zischler (Conde Zelten), Claudia Michaelson (Charlotte / Dora), André S. Labarthe (narrador), Nathalie Kadem (Delphine de Staël), Robert Wittmers (Dom Quixote), Kim Kashkashian (violinista), Anton Mossine (o russo), Heinz Przbyski, Kerstin Boos, Uwe Orzechowski, Iva Svarcova, etc.

Produção: Antenne 2 – Brainstorm Productions / Director de Produção: Romain Goupil / Produtora Delegada: Nicole Ruelle / Cópia em 35mm, colorida, falada em francês e alemão, com legendas eletrônicas em português / Duração: 62 minutos / Inédito comercialmente em Portugal. Exibido na Cinemateca a 11 de Dezembro de 1999, no Ciclo Jean-Luc Godard 1985-1999.

Os anos 90 foram, para Godard, um tempo de todos os *requia*. Da morte do cinema à morte deste ou daquele país, os anos 90 serviram para Godard cantar o fim de uma civilização e anunciar a sua substituição definitiva por outra, fundada noutros valores e noutros modos de expressão. Os novos tempos são os do triunfo do capital, da comunicação, da televisão, da cultura – uma civilização do global, alcançada através da aniquilação do particular. Ou é de nós ou é de Godard, mas hoje – e este Ciclo tem confirmado esta sensação – percebe-se com muito maior clareza de que falava ele nos seus filmes dos anos 80 e dos anos 90 (e quem dirá, retrospectivamente, que Godard se enganou?...). Enquanto se o acusava de ser um velhote delirante a medir o mundo pelo seu umbigo, poucos perceberam de que, apesar das aparências, não era do passado que Godard falava mas *do futuro*; que não era para trás que ele olhava, mas *para a frente*.

Este “filme da Alemanha”, que apetece aproximar do “filme da Rússia” (**Les Enfants Jouent à la Russie**) que também veremos neste ciclo, vem em primeiro lugar falar disso. Dizer “Alemanha” em **Allemagne Neuf Zéro**, tal como dizer “Rússia” em **Les Enfants...**, implica menos falar de um país e de uma nacionalidade do que de uma *identidade*, e portanto de uma *resistência* à massificação representada pela (no entanto, triunfante) civilização do global. Quando, neste filme, Godard insere legendas onde se lê “*Fim da Alemanha*” está a falar disso, e a anunciar o fim de uma *diferença*.

Quer isto dizer que Godard, longe de rejubilar com a queda do muro de Berlim, ainda por cima a lamenta? Não poderemos pôr as coisas de maneira tão simplificada, mas em parte até é verdade. Só Godard seria capaz de lançar um olhar assim crepuscular sobre a Alemanha nos tempos de euforia pós-queda do muro. O que não quer dizer, no entanto, que o muro, ou a divisão das Alemanhas, fossem o sinal máximo da identidade do país, e uma vez aberto o caminho para a reunificação ela se esbatasse. Se Godard não rejubila e em parte lamenta (tal como em **Les Enfants...** não rejubila, e em parte lamenta, o fim do império comunista soviético), é por causa do que vem a seguir: a verdadeira *dissolução* da Alemanha vem depois, consubstanciada na perda das suas coordenadas específicas numa nova ordem do mundo que aplanar, e descentra (não por acaso, Lemmy Caution passa todo o filme a perguntar “*Onde é o Oeste?*”). Aplanar, descentra, e *esmaga*: o passado, por exemplo.

Quando, nos primeiros planos do filme, Godard mostra um automóvel a passar por cima de uma tabuleta que indica “Karlmarxstadt” há, de entre as múltiplas leituras “simbólicas” que se propiciam, uma que parece irresistível: se, hoje, uma tabuleta que indica a direcção para Karlmarxstadt não designa um *lugar* mas um *tempo*, é por cima da própria história que, nesse plano, o automóvel (que, evidentemente, não é um Trabant) passa. O “fim da Alemanha” equivale, portanto, ao “fim da História”, nas suas mais perversas consequências: como se se tratasse de fechar parêntesis sobre um período em que alguma coisa se tivesse desviado do “bom caminho” mas que, finalmente, o tivesse reencontrado. Aniquila-se a memória (a memória do bom e a memória do mau), o conta-quilómetros volta ao (ano) zero e recomeça-se novamente. É também contra isto, contra esta aniquilação, que Godard coloca o movimento de **Allemagne, Neuf Zéro**.

Que é portanto um filme sobre o que está dentro desses parêntesis, sobre aquilo que a História e o mundo querem reduzir a uma *excepção*. Para chegar aqui, Godard tem que agir de modo sereno. Tudo começa pelo facto de, para ele, ser imperioso aceitar a Alemanha em todas as suas contradições: um país de maravilhas e um país de horrores. E nem as maravilhas (a Arte) nem os horrores (que todos sabemos quais são) devem ser apagados ou encarados como excepção, pois é esse apagamento que leva à perda dos pontos cardeais, deixando o pobre Lemmy Caution à deriva durante todo o filme, perdido como nunca se perdeu no labirinto futurista de **Alphaville**. O custo do não-esquecimento ou da não-redução é, talvez, um acréscimo de rugosidade na textura do mundo, um entrave posto no caminho do avanço equalizador do *global* – mas por isso mesmo, é da necessidade dessa rugosidade que Godard nos vem lembrar. O “fim da História” equivale à “morte da História”?

Allemagne, Neuf Zéro corresponde assim ao *trabalho de memória* que também marca os últimos anos do cinema de Godard – e que tem a sua expressão mais monumental nas **Histoire(s) du Cinéma**. Uma memória que também é pessoal, e que faz do trabalho de Godard ao mesmo tempo *História* e *autobiografia*. **Allemagne, Neuf Zéro** evoca tanto a Alemanha da História como a Alemanha de Godard, articulando imagens, citações, alusões e evocações que tanto conduzem a uma reintegração da História, da Alemanha e da arte alemã no fluxo de uma relação natural com o mundo como estabelecem um mapa do relacionamento (também *afectivo*) de Godard com todos estes dados – e talvez por isso haja também no filme um lado de “travelogue”, de périplo “turístico” por lugares e “landmarks” da História e da Arte alemãs.

Desta conversa acabou por ficar de fora o modo (quase sempre de uma beleza assombrosa) como **Allemagne, Neuf Zéro** se relaciona com o cinema alemão - e, de Murnau a Fassbinder, dir-se-ia que ele está cá *todo*. Como isso mereceria, muito provavelmente, uma “folha” à parte, terminemos notando a amargurada provocação política com que Godard encerra o filme, quando Lemmy Caution encontra, finalmente, o Oeste, sendo recebido num hotel que é a imagem por excelência da ordem e da mecanização do ser humano. E para deixar claro que a História, por vezes, resiste aos parêntesis que lhe querem colocar, Caution, depois de perguntar à empregada de quarto se “escolheu a liberdade”, obtém como resposta: “*Arbeit macht frei*”.

Alguma vez nos habituaremos a isto ou, pelo contrário, já nos habituámos há muito tempo?

Luís Miguel Oliveira